



ANCHIETA

Uma carta aberta para mim em um jornal de Cachoeiro de Itapemirim. O articulista propõe que eu o ajude a rechaçar as pretensões paulistas sobre os ossos do padre Anchieta.

O caso é este: o venerável padre, que fundou S. Paulo, morreu no Espírito Santo, em Reritiba, que depois se chamou Benevente, e tem hoje seu nome. Isso aconteceu no domingo, 9 de junho de 1597: o corpo foi levado para Vitória, onde chegou quarta-feira e ali sepultado solenemente na capela de Santiago, onde é hoje o Palácio do Governo.

Apareceu em S. Paulo a idéia — agora, que se festeja o quarto centenário de fundação da cidade — de pedir ao Espírito Santo os restos do Jesuíta canarino.

Ainda outro dia fiz uma visita ao túmulo de Anchieta, no interior do Palácio do Governo — que hoje tem, também, o seu nome. Devemos nós, os capixabas, mandar para S. Paulo os ossos ou as cinzas do venerando padre?

Isso já tem sido discutido até com certo azedume, mas não quero entrar na briga, e por um motivo muito simples: os restos de Anchieta não estão no Espírito Santo; pode lá estar uma parte deles, mas nem isso se encontrou jamais. Simão de Vasconcelos conta que “as relíquias deste grande varão foram trasladadas depois em parte para o colégio da Bahia, cabeça do Estado, por mandado de nosso reverendo padre Cláudio Aquaviva, de boa memória, ano de 1611, e colocadas decentemente ao lado do altar maior de nossa igreja, onde foram visitadas e veneradas dos cidadãos daquela nobre cidade como devoção louvável e efeitos grandes, até que, promulgado o breve de Sua Santidade Urbano VIII, que chamam de non cultu, foram tiradas daquele lugar e repostas noutro...” Além disso afirma que “destas relíquias foi uma a Roma por ordem de nosso reverendo padre”.

Em resumo: tanto quando se sabe, o pequeno, franzino corpo de Anchieta, ficou espalhado, parte na Bahia, parte em Roma, parece que parte em Vitória, certamente parte alhures, o que não fica mal a um missionário que foi o mais portentoso, rápido e incansável andarilho de toda a nossa história.

O referido Simão conta que, ao ser aberta a sepultura de Anchieta em 1609 (levou dois anos o corpo para ir de Vitória à Bahia?) alguns ossos foram repartidos a pessoas seculares e religiosos que os pediram. Sabemos que um desses ossinhos

foi lançado ao mar, em um momento de tempestade e aflição, pelo padre Manuel do Couto, nas alturas da ilha de S. Miguel, com o que o oceano se acalmou. Sabemos que o osso foi jogado “por uma linha”: é de esperar que tenha sido recolhido e tenha seguido viagem para Portugal com o padre Manuel. Sabemos ainda que em 1625 algumas relíquias de Anchieta foram desenterradas, mas houve dúvida sobre se os ossos eram dele mesmo. Como o padre Diogo Calvo estava com sezões, um dos ossos foi-lhe aplicado ao pescoço, e ele sarou, por onde se concluiu que era mesmo de Anchieta. Não numerosos os sacerdotes, a essa altura, que possuem ossos de Anchieta, e com eles fazem milagres um pouco por toda parte — no Rio, na Bahia, em Pernambuco, e também na vila de S. Paulo, onde um osso de Anchieta ajudou muito no parto “modesto e perigoso” uma cunhada de Mateus Luis Grou. Outros ossos operam milagres vários, inclusive ajudando a achar um pescador escravo que fugira de uma senhora dona Lourença. O pobre do negro certamente não tinha outro ossinho de Anchieta para ajudá-lo a se esconder. Outro osso salva “duas donzelas doentes e desconfiadas da vida”, outro serve de contra-veneno ao padre Gato contra alguma heberagem que lhe haviam dado os índios carijós, e assim por diante. Só nos resta concluir que os despojos de Anchieta não estão em parte alguma, mas espalhados por Europa, França e Bahia.

Não vamos, portanto, discutir por causa dessas relíquias esparsas e perdidas. A relíquia verdadeira é o espírito de Anchieta trilhando os caminhos humildes da terra do Brasil, ajudando um país a acontecer.

R. B.

A POESIA É NECESSÁRIA

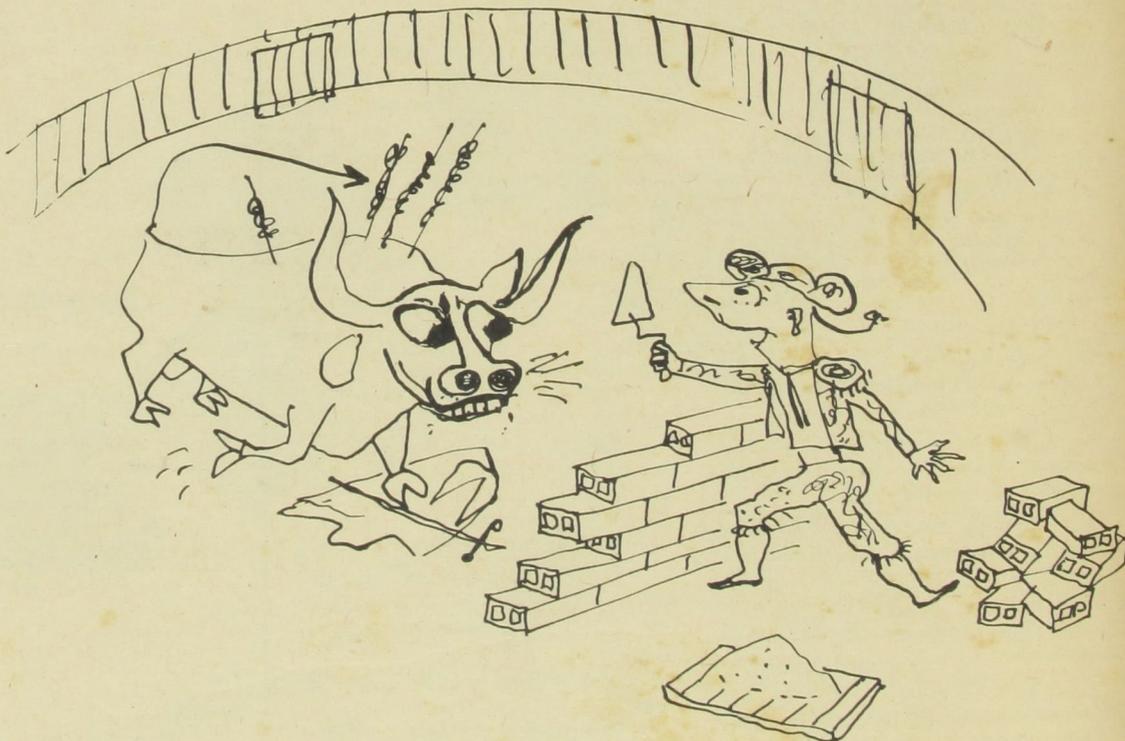
Não se sabe ao certo a data em que nasceu Francisco de Sá de Miranda, irmão de Mem de Sá, que nos governou durante quinze anos, aparentados com a famosa Vittoria Colonna. Tendo perdido a mulher, amigos, entre os quais se encontrava Bernardim Ribeiro, e príncipes que o protegiam, o poeta caiu em grande melancolia e morreu em 1558. O soneto de sua autoria que aqui transcrevemos, de uma época em que a ortografia portuguesa ainda não se fixara, é de uma beleza estranha e melancólica.

*O sol é grande, caem co'a calma as aves,
do tempo em tal sazão, que soe ser fria;
esta água que d'alto cai acordar-m'ia
do sono não, mas de cuidados graves.*

*Ó cousas, todas vãs, todas mudaves,
qual é tal coração qu'em vós confia?
Passam os tempos vai dia trás dia,
incertos muito mais que ao vento as naves.*

*Eu vira já aqui sombras, vira flores,
vi tantas águas, vi tanta verdura,
as aves todas cantavam d'amores.*

*Tudo é seco e mudo; e, de mestura,
também mudando-m'e u fiz doutras cores:
e tudo o mais renova, isto é sem cura!*



VELHAS CARTAS

"Você nunca saberá o bem que sua carta me fez..." Sinto um choque ao ler esta carta antiga que encontro em um maço de outras. Vejo a data, e então lembro onde estava quando a recebi. Não me lembro é do que escrevi que fez tanto bem a uma pessoa. Passo os olhos por essas linhas antigas, elas dão notícias de amigos, contam uma ou outra coisa do Rio, e tenho curiosidade de ver como ela se despedia de mim. É do jeito mais simples: "A saudade de..."

Agora folheio outras cartas de amigos e amigas: são quase tôdas de apenas dois ou três anos atrás. Mas como isso está longe! Sinto-me um pouco humilhado pensando como certas pessoas me eram necessárias e agora nem existiriam mais na minha lembrança se eu não encontrasse essas linhas rabiscadas em Londres ou na Suíça. "Cheguei neste instante; é a primeira coisa que faço, como prometi, escrever para você, mesmo porque durante a viagem pensei demais em você..."

Isto sôa absurdo a dois anos e meio de distância. Não faço a menor idéia do paradeiro dessa mulher de letra redonda; ela, com certeza, mal se lembrará de meu nome. E êsse casal, santo Deus, como era amigo: fazíamos planos de viajar juntos pela Itália; os dias que tínhamos passados juntos eram "inesquecíveis".

E êsse amigo, como era amigo! Creio, entretanto, que êle está hoje na mesma cidade que estou: não tivemos qualquer incidente mas certamente nenhum de nós dois se lembra de procurar o outro.

Essa que se acusa e se desculpa de me haver maltratado — "mais pourquoi alors ai-je été si méchant... j'ai du te blesser, pardon... oh, j'étais vraiment stupide et du dois l'oublier... je veux te revoir..." entretanto eu não me lembro de mágua nenhuma, seu nome é apenas para mim uma doçura distante.

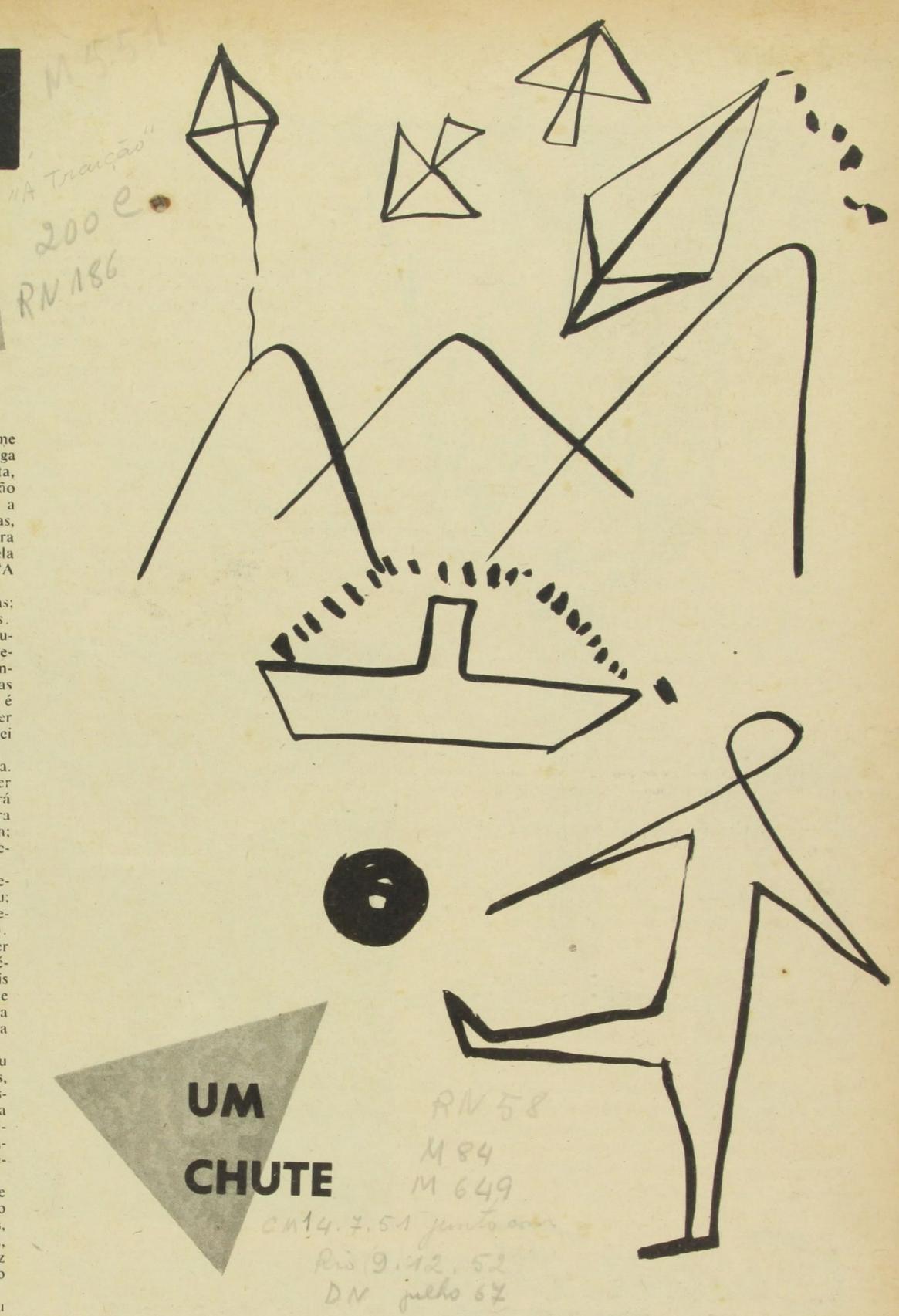
E que terríveis negócios planejava êsse meu amigo de sempre! Sem dúvida iríamos ficar ricos, o negócio era fácil e não podia falhar, êle me escrevia contente de eu ter topado com entusiasmo a idéia, achava a sugestão que eu fizera "batatal", dizia que era preciso "agir imediatamente". É extraordinário que nunca mais tenhamos falado de um negócio tão maravilhoso.

Aqui outro amigo escreve do Rio para Paris me pedindo um artigo urgente e grande "sôbre a situação atual da literatura francesa, pelo menos dez páginas, nossa revista vai sair dia 15, faça isso com urgência, estamos com quase tôda a matéria pronta". Não fiz o artigo, a revista não saiu, a literatura francesa não perdeu nada com isso, a brasileira muito menos.

As cartas mais queridas, as que eram boas ou ruins demais, eu as rasguei há muito. Não guardo um documento sequer das pessoas que mais me afligiram e mais me fizeram feliz. Ficaram apenas, dessa época, essas cartas que na ocasião tive pena de rasgar e depois não me lembrei de deitar fora. A maioria eu guardei para responder depois, e nunca o fiz. Mas também escrevi muitas cartas e nem tôdas tiveram resposta.

Imagino que em algum lugar do mundo há alguém que neste momento remexe, por acaso, uma gaveta qualquer, encontra uma velha carta minha, passa os olhos por curiosidade no que escrevi, hesita um instante em rasgar, e depois a devolve à gaveta com um gesto de displicência, pensando, talvez: "é mesmo, êsse sujeito onde andarã? eu nem me lembrava mais dêle..."

E agradeço a êsse alguém por não ter rasgado a minha carta; cada um de nós morre um pouco quando alguém, na distância e no tempo, rasga alguma carta nossa, e não tem êsse gesto de deixá-la em algum canto, essa carta que perdeu todo o sentido, mas que foi um instante de ternura, de tristeza, de desejo, de amizade, de vida — essa carta que não diz mais nada e apenas tem força ainda para dar uma pequena e absurda pena de rasgá-la.



UM CHUTE

Circulo um pouco pela cidade, de manhã, resolvo umas coisas mais ou menos cacêtes. E de repente, na Esplanada do Castelo, reparo nesta coisa simples: estou feliz.

Não me acontece nada de especial; minha felicidade é gratuita, deriva destas coisas simples: o céu está azul, o sol está louro, eu estou andando na rua. Meu sapato é confortável, minha roupa está limpa, meu corpo está bem.

Passa uma menina com uma fita nos cabelos; em um terreno livre há um grupo de mecânicos que aproveitam a hora do almoço para um bate-bola. A bola vem para o meu lado; devolvo-a com um chute, e meu chute é certo, e é saudado com um "ôba!" por um dos homens de macacão, que pega a bola com a cabeça. Estou definitivamente feliz. Meus problemas de dinheiro, minhas tristezas, minhas aflições, nada tem importância. Posso amar a quem não me liga, fazer o que me desgosta, não fazer o que queria — mas neste momento sou apenas um animal feliz; o dia está lindo e eu estou andando com prazer de andar. Sou um animal feliz. E meu chute foi bonito.

Passa um navio branco, muito grande, bojudó; vem

do sul. Com certeza vai entrar na baía. Vai entrar todo de branco, abrindo asas de branca espuma, desenrolando no ar, como um penacho feliz, um rolo de fumaça branca. O convés está cheio de gente que olha as praias, o casario, as montanhas. Sêde felizes! Este é o desejo ingênuo que nos dá, dizer a êsses forasteiros que pela primeira vez entram em nossa baía, entre as montanhas azuis; dizer alto: aqui é o Rio de Janeiro, é a nossa bela cidade; é para vós que ela hoje brilha ao sol; sêde felizes!

E ter inveja dos que chegam pela primeira vez, vindos do mar, ao Rio de Janeiro.

Porque em nossa infância, no interior, não se dizia: Rio. Foi de repente que surgiu essa moda, as pessoas que vinham e voltavam diziam apenas com intimidade — Rio.

Mas nós, debruçados sôbre as fotografias em cores e os presentes que nos levavam, nós dizíamos, com um ar de sonho e um tom de respeito: Rio de Janeiro.